

O ENSINO DA GRAMÁTICA

X

SEMÂNTICA

LIMA, Denise Cristina Smith.
denise.smith@ig.com.br

FRANÇA, José Marcos de. (Orientador)
Graduado em Letras Português, Especialista em Língua Portuguesa, Profº do Curso
Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
jmfranca @bol.com.br

RESUMO

O presente trabalho fala da gramática normativa e sugere uma proposta de ensino baseada na semântica. Este mostra o ciclo vicioso formado pelo método tradicional de ensino, livro didático e gramática normativa, destacando os principais problemas que norteiam esses elementos e os fazem estacionar no tempo. Tais abordagens foram feitas a partir das leituras de Brito, Bagno, Neves, Travaglia, entre outros, pois estas deram subsídios para a nova proposta de ensino que vem exemplificada neste artigo.

Palavras-chave: gramática – semântica – contextualização

Introdução

Com o propósito de fazer algumas reflexões acerca do ensino da gramática, considerado um dos mais significativos problemas dentro do processo de ensino/aprendizagem, este trabalho abordará algumas questões acerca da falta de contextualização como principal fator da dificuldade do aluno em compreender a gramática normativa. Partindo da análise que esta gramática registra, dentro da diversidade das modalidades da língua, o padrão de como falar e escrever corretamente, é muito comum verificar a dificuldade que os alunos têm em entender a norma culta gramatical nos textos.

A metodologia usada pelo professor reconhece que o aluno tem um conhecimento prévio da língua, fruto de sua vivência, cabendo à escola aproveitar esse saber do aluno para que ele multiplique os seus conhecimentos. Porém, ainda é discutível a forma com que os conteúdos da chamada língua culta são ensinados, pois é preciso deixar de dividir a língua portuguesa entre gramática e texto, já que este é o resultado da aplicação das regras gramaticais dentre outros. Alguns desafios configuram-se no trabalho docente e que somente um educador comprometido com as mudanças conseguirá efetivar um trabalho reflexivo com a realidade.

Nessa perspectiva, dividiu-se esta pesquisa em três partes.

No primeiro momento, é feita uma abordagem sobre a importância da língua materna e do surgimento da gramática, falando sobre os tipos e funções.

Depois é feito um apanhado sobre o ensino do português e do surgimento da Linguística, que apontou novos caminhos para o ensino da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras.

No terceiro momento, é exemplificada a nova proposta de ensino que tem como base a semântica.

Este trabalho tem como objetivo induzir o professor a refletir sobre os padrões de ensino que enfatizam a reprodução e a transmissão de conteúdos mediante metodologias tradicionais, assim como analisar a importância do estudo gramatical vinculada a textos.

1 Língua X Gramática

Há muito tempo que o homem descobriu que a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de se comunicar através de uma ou mais línguas naturais e que a linguagem do indivíduo decorre do meio em que ele vive e com o qual interage.

Segundo Travaglia (2003, p. 23), “a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam através de regras e que é capaz de transmitir uma mensagem”.

Ele também diz que o ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. Essa competência comunicativa implica duas outras competências, quais sejam: a gramatical ou lingüística e a textual.

A competência gramatical ou lingüística é a capacidade que todo usuário da língua tem de gerar seqüências lingüísticas gramaticais. Esses mesmos usuários as consideram como uma seqüência própria e típica da língua, não havendo julgamento de valores, mas verificando apenas se elas são admissíveis, aceitáveis para a construção da língua.

Já a competência textual é a capacidade de desenvolver situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos.

A gramática normativa surgiu a partir do interesse dos estudiosos gregos em preservar a pureza da língua grega. Dessa forma nasceu a gramática, que em grego significa

“a arte de escrever”. Esta, desde muitos anos, descreve o uso correto da língua, ou seja, estuda apenas os fatos da língua padrão, a que se tornou oficial apresentando e ditando normas de bem falar e escrever, é a essa gramática que a escola se refere mais tradicionalmente. Quase sempre, quando os professores falam em ensino gramatical, estão pensando nesse tipo, por força da tradição ou por desconhecerem outros tipos.

Segundo Neves (2004, p. 81), “a gramática dada nas escolas só busca que os alunos saibam as normas das categorias e das funções, e a subclassificação dela”, e por conta disso, o uso da gramática no ensino do Português, em geral, vem gerando acirradas polêmicas ao longo dos anos. Isso se deve ao fato dos gramáticos não se manifestarem perante as críticas da lingüística, relativas às falhas existentes no ensino do Português, visto que eles procuram valorizar o estudo gramatical em detrimento do texto, numa concepção de que o conhecimento dos conceitos e regras teóricas levam ao domínio da linguagem.

Ao ensinar língua materna ou especificamente gramática, é preciso ter em mente que há vários tipos de gramática e cada uma delas pode resultar em atividades distintas em sala de aula.

Travaglia (2003, p. 30-37) define onze tipos de gramáticas, quais sejam:

- Gramática normativa – estuda apenas os fatos da língua padrão, a que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista como idêntica à escrita. Esta apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a “correta” utilização oral e escrita, prescreve o que se deve usar na língua. Portanto, considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira.

- Gramática descritiva – é a que descreve e registra para uma variedade da língua em um dado momento de sua existência as unidades e categorias lingüísticas existentes, os tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de uso destes.

Portanto, a gramática descritiva trabalha com qualquer variedade de língua e não apenas com a variedade culta e dá referência para a forma oral desta variedade. Pode-se então, ter gramática descritiva de qualquer variedade da língua.

Essa gramática será o resultado do trabalho do lingüista a partir da observação do que se diz ou se escreve na realidade, e trata de explicitar o mecanismo da língua, construindo hipóteses que expliquem o seu funcionamento.

- Gramática internalizada ou competência lingüística internalizada do falante – é o próprio “mecanismo”, o conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua. Na verdade, é essa gramática que é objeto de estudo dos outros dois tipos de gramática, sobretudo da descritiva.

- Gramática implícita – que é a competência lingüística internalizada do falante e que seria implícita, porque o falante não tem consciência dela, apesar dela estar em sua “mente” e permitir que ele utilize a língua automaticamente, quando dela necessita para qualquer fim, em situações específicas de interação comunicativa. Alguns dizem também gramática inconsciente. Esse tipo de gramática, por possibilitar o uso automático da língua, está diretamente relacionado com o que se chama no ensino de gramática, no trabalho escolar com a gramática, de gramática de uso.

- Gramática explícita ou teórica – é representada por todos os estudos lingüísticos que buscam, por meio de uma atividade metalingüística sobre a língua, explicitar sua estrutura, constituição e funcionamento. Assim, todas as gramáticas normativas e descritivas são gramáticas explícitas ou teóricas, podendo ser entendidas como uma explicitação do mecanismo dominado pelo falante e que lhe possibilita usar a língua, e que seria representado basicamente pelo conjunto das unidades lingüísticas de todos os níveis e tipos de regras e princípios, para sua constituição e utilização.

- Gramática reflexiva – é a gramática em explicitação. Esse conceito se refere mais ao processo do que aos resultados: representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua que buscam detectar, levantar suas unidades, regras e princípios, ou seja, a constituição e funcionamento da língua.

- Gramática transferencial ou contrastiva – é a que descreve suas línguas ao mesmo tempo, mostrando como os padrões de uma podem ser esperados na outra. É muito usada no ensino de línguas, pois define a natureza das dificuldades, permitindo ao professor selecioná-las ou diminuí-las.

No ensino da língua materna, a gramática contrastiva será particularmente útil quando mostrar as diferenças e semelhanças entre diferentes variedades da mesma língua.

- Gramática geral – é a que compara o maior número possível de línguas, com fim de reconhecer todos os fatos lingüísticos realizáveis e as condições em que se realizarão. Não se preocupa com o realizado, mas com as possibilidades que estão por trás dele – é uma gramática de previsão de possibilidades gerais.

Ela busca, portanto, formular certos princípios aos quais todas as línguas obedecem e que fornecem a explicação profunda do emprego destas.

- Gramática universal – é uma gramática de base comparativa que procura descrever e classificar todos os fatos observados e realizados universalmente, ou seja, investiga quais características lingüísticas são comuns a todas as línguas do mundo.

- Gramática histórica – é a que estuda uma seqüência de fases evolutivas de um idioma. É a que estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe as faces desde seu aparecimento até o momento atual.

- Gramática comparada – é a que estuda uma seqüência de fases evolutivas de várias línguas, normalmente buscando encontrar pontos comuns.

O ensino da língua, tal como vem sendo praticado nas escolas de ensino fundamental e médio, tem atrofiado os alunos. Isto porque, em vez de se trabalhar os usos da língua, trabalha-se a língua padronizada.

Ensinar português torna-se uma tarefa difícil para qualquer professor em face das inúmeras divergências gramaticais radicais, que não aceitam as variedades dialéticas empregadas pelos alunos na comunicação, observados na prática pedagógica, pois se ensina a língua como sendo um corpo único, homogêneo, imutável.

Verifica-se que o conhecimento teórico não contribui significativamente para o domínio da língua. Se a função básica da escola é o ensino da língua padrão, não é a teoria gramatical que concretizará seus objetivos. Esses contrastes levam o estudante ao desinteresse pelo estudo da língua, pois pensa haver entendido o conteúdo trabalhado, mas não consegue desenvolvê-lo ao fazer uma produção textual, resultando muitas vezes no fracasso escolar.

Tal fato é resultado de um ensino centrado na gramática tradicional e não em textos contextualizados. Por isso, achamos que Português é uma língua difícil porque temos que decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. (BAGNO, 1999, p. 52)

2 Lingüística X Metodologia Arcaica

Nesse contexto, o que se ensina não é língua, mas uma visão preestabelecida do que poderia ser “o certo”, na perspectiva da *Techiné Grammatiké*, de Dionísio de Trácia e, ao se eleger tal perspectiva na escola e na sociedade, emudece-se o sujeito falante-ouvinte, já que a sua (a do sujeito falante-ouvinte) norma está “errada”. Dá-se, então, o distanciamento desse sujeito de atividades socialmente circunscritas, logo, apaga-se o cidadão e constrói-se o aluno obediente a regras, a normas, em todos os sentidos.

A imagem que a sociedade tem do ensino de língua materna e de como deve ser o professor, leva cada professor a repetir um modelo recebido, buscando mais legitimar o seu papel do que fazer algo que represente um ensino significativo para a vida de seus alunos. (TRAVAGLIA, 2003, p. 45)

Tais postulados constataam que o ensino de língua vai além das paredes da escola, e estabelece-se muito mais como uma opção política do professor, aquele que ensina, em relação ao aluno, aquele que aprende. Professor e aluno, nesse contexto de ensino, não são sujeitos do processo de ensino/aprendizagem, mas meros repetidores de normas, de regras preestabelecidas.

Não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor, que fica passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como “passar” ou “aplicar” as noções que lhes ensinaram. Os princípios são o fundamento em que o professor vai apoiar-se para criar suas opções de trabalho. (ANTUNES, 2003, p. 36)

No final do século XIX para início do século XX, com o surgimento da lingüística, e depois nos anos 80 com a lingüística textual, começou a existir uma valorização maior do texto como fonte de ensinamento para os alunos do ensino fundamental e médio. Esse fato possibilitou para muitos estudiosos da área o repensar sobre metodologias usadas na sala de aula.

Priorizar a gramática normativa dentro de textos que estejam coerentes com o contexto social do aluno é essencial para que este desenvolva o processo de ensino/aprendizagem, já que a prática da produção de texto e a análise gramatical caminham juntas.

Segundo Bagno (1998, p. 80), “fomos habituados a aprender e a ensinar português como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação”.

Desta forma, se deixássemos de achar que o ensino da língua materna deva ser dividido entre gramática e texto, poderemos aos poucos mostrar para os alunos que Português

não é difícil e que não é impossível aprender, uma vez que a matéria seja explicada dentro de um contexto, assim não precisa o aluno decorar as regras, mas sim aprendê-las.

Saber falar e escrever uma língua supõe, também, saber a gramática dessa língua. Em desdobramento, supõe saber produzir e interpretar diferentes gêneros de textos. Conseqüentemente, é apenas no domínio do texto que as regularidades da gramática encontram inteira relevância e aplicabilidade. (ANTUNES, 2003, p. 92)

Tais problemas virão a ser canalizados se os professores, juntamente com os autores dos livros mudarem sua metodologia tradicional para a atual, pois a contextualização é uma das formas de consertar o caos que passa o ensino da Língua Portuguesa.

Alguns professores de Português precisam deixar o comodismo e passa a serem dinâmicos, deixando de ser apenas repetidores da doutrina gramatical normativista que eles mesmos muitas vezes não dominam. A importância desta encontra-se na competência do professor ao trabalhá-la em sala de aula, não priorizando os conceitos e nomenclaturas para que o aluno possa ter liberdade de pensamento e expressão verbal e assim poder trabalhar com a gramática sem precisar decorá-la, produzindo textos coesos e coerentes com o seu contexto.

Depois do surgimento dos PCNs de Língua Portuguesa, os postulados teóricos propagados pela lingüística contextual são retomados e convalidadas, principalmente no que se diz respeito ao ensino de língua privilegiando um ensino centrado em textos e enfocando aspecto do processamento das informações na produção textual escrita, tais como planejamento, construção e verbalização. (BRITO, 2001, p. 112)

A partir dos PCNs, as metodologias dos professores e até os livros didáticos adotados por eles foram centralizados nos textos, para assim tentar reverter o problema do baixo rendimento escolar e da produção textual.

Mesmo depois dos PCNs, alguns professores ainda usam as metodologias tradicionais, levando o discente a não ter um bom desempenho escolar, prejudicando o

ensino/aprendizagem do mesmo e reforçando o preconceito lingüístico que Português é muito difícil.

O professor de Português precisa ser pesquisador e reflexivo, pois assim terá condição de conquistar sua autonomia didática e poder trabalhar com seus alunos não só o livro didático, mas também a interdisciplinaridade e a pedagogia de projetos que segundo Bagno (1998, p. 80), “é uma das melhores formas de fazer o aluno ser pesquisador, ativo, criativo e crítico, pois o professor passaria a ser um mediador do ensino e não um reprodutor de idéias e ensinamentos.” Desse modo as aulas de português seriam bem mais proveitosas e atraentes.

Os autores dos livros didáticos e os gramáticos aos poucos vêm trazendo uma nova proposta de ensino para professores e alunos, pois estão deixando um pouco de lado os exercícios normativos e usando a contextualização que é trabalhar a gramática do texto e não a gramática dentro do texto, assim o docente utilizaria a semântica para fazer despertar nos alunos que a regra gramatical não é suficiente para entender a gramática, mas é essencial saber interpretá-la a depender do contexto em que ela apareça.

A proposta é trabalhar gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação.
(TRAVAGLIA, 2003, p. 80)

Tal procedimento poderia impedir que continuasse o ciclo vicioso do preconceito lingüístico formado pela gramática tradicional, pelos métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

Além das afirmações acima, observamos a necessidade da participação dos alunos nas aulas de português, para que, assim ocorresse à interação entre professor/aluno e vice-

versa. Mas para isso acontecer, o docente teria que está preparado para escutar e ajudar no desenvolvimento do aluno.

Enquanto não houver uma proposta pedagógica capaz de eliminar esses equívocos ocorridos no ensino da língua e uma mudança substancial das motivações ideológicas que sustentam esse ensino mutilador e castrador, a gramática tradicional vai continuar sendo criticada. (BAGNO, 2000, p. 87)

3 Semântica: uma solução para o ensino da gramática

As novas concepções da Lingüística são formas essenciais para melhorar a qualidade do ensino, já que podem nos fazer ver além das regras gramaticais, abrindo os horizontes, e nos fazendo perceber que o “certo” e o “errado” não é o principal em um estudo gramatical.

Já existem muitos autores acreditando que a Lingüística é essencial no ensino da Língua Portuguesa. Podemos citar William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, estes possuem a Gramática Reflexiva: Texto, semântica e interação, que é voltada para a nova proposta citada neste trabalho de pesquisa, pois eles trabalham com textos e semântica que são essenciais para o entendimento mais amplo da gramática.

Cereja e Cochar passam o conteúdo gramatical numa perspectiva mais abrangente, priorizando o sentido das palavras dentro do texto, o que é essencial para o aluno não decorar as regras e sim aprendê-las. Os exercícios não são voltados para as citações, classificações e identificações, mas para explicações e significados, levando o aluno a observar que a depender do contexto a resposta pode ser diferente.

A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de reflexão, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento lingüístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa. (BAGNO, 2000, p. 87)

Como exemplo de uma nova proposta de ensino observe o texto a seguir:

PISCINA

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, latas d'água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito, pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata.

Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão. Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

(Fernando Sabino)

Analisando o conteúdo do texto, observamos vários pontos gramaticais que o professor pode trabalhar, são eles: adjuntos adverbiais, pontuação, concordância verbal e nominal, tempos verbais e adjuntos adnominais.

O docente poderia explorar os adjuntos adverbiais do texto (diariamente, de vez em quando, depois, lentamente, naquela manhã de sábado), fazendo uma discussão para mostrar sua importância na construção deste, depois os alunos analisariam a qual circunstância estes se referem dentro do contexto que se encontram, além disso, ainda era possível pedir para os alunos fazerem a substituição dessas expressões por outras de mesmo sentido, assim os discentes poderiam aprender os adjuntos adverbiais sem precisar decorar a gramática normativa, além disso iriam saber sua importância dentro de um texto.

Ele também poderia trabalhar com os adjuntos adnominais que aparecem no texto, fazendo o aluno refletir a importância deste no contexto.

Já a pontuação poderia ser discutida a partir dos adjuntos adverbiais, uma vez que a professora poderia mostrar a seus alunos que estes podem aparecer no início, meio ou final de uma oração, mas separados por vírgulas, como também trabalhar os outros tipos de pontuação que aparecem, como ponto final.

A professora poderia abordar com seus alunos os tempos verbais, pois o texto trabalha o pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito, feito isso, o professor poderia levantar algumas questões para discussão como: porque no primeiro e segundo parágrafos todos os verbos estão no pretérito imperfeito? Além disso, o docente pode mostrar a diferença entre ação durativa e pontual: o pretérito imperfeito indica uma ação no passado, que possui certa duração, ao passo que o pretérito perfeito indica uma ação pontual, sem duração no passado. Isso era uma boa forma de trabalhar as diversas formas de pretérito.

Além disso, a concordância verbal também é marcante no texto, pois o docente poderia trabalhar no segundo parágrafo a concordância dos verbos desfilavam, eram, detinham e ficavam olhando, fazendo o aluno refletir o porquê do verbo está no plural e não no singular, isso aguçaria a curiosidade do aluno e assim o professor partiria da concordância dos verbos presentes no texto para a regra e não o contrário como exige a gramática normativa.

Outro fator que pode ser explorado ainda no segundo parágrafo é a concordância nominal, uma vez que o professor poderia perguntar aos seus alunos por que as palavras “aquelas”, “silenciosas”, “magras” estariam no plural ou ainda em que situação elas poderiam ficar no singular, tais questionamentos levariam os alunos a pensar e com a ajuda do professor criar uma regra para explicar tal situação.

Então, observamos que existem diversas maneiras de trabalhar a gramática do texto, pois para este ser feito é necessário usá-la.

Mas para tudo isso acontecer seria necessário e essencial que o professor fosse dinâmico e mediador do conhecimento, para que ocorresse o ensino/aprendizagem de forma positiva.

À vista das considerações feitas, conclui-se que a gramática não justifica seu papel de única fonte para o ensino da língua nas escolas, pois mostramos que a gramática normativa impede o desenvolvimento crítico, criativo e reflexivo do aluno, uma vez que este é moldado para saber todas as regras, coisa que os próprios professores muitas vezes não dominam e por isso insistem em usar metodologias arcaicas.

Então, para que o ensino gramatical seja visto de maneira mais positiva seria necessário que os professores da área dessem prioridade ao ensino contextualizado, usando como foi visto no exemplo a gramática do texto, pois cabe ao professor de Português fazer uma análise mais detalhada de que tipo de cidadão ele quer que acompanhe a sociedade, se um mero reprodutor de idéias ou um cidadão ativo que participa de sua realidade como um indivíduo pensante. Como também, cabe aos alunos a responsabilidade de serem mais participativos e pesquisadores, já que para ocorrer o ensino/aprendizagem é essencial a participação deles.

A partir dos dados mostrados neste artigo nota-se que é necessário que ocorram mudanças urgentes no ensino de Língua Portuguesa e tal fato, para acontecer só precisa da conscientização dos professores (em mudar a metodologia de ensino) e autores de livros didáticos (em contextualizar os assuntos e exercícios), pois estes são instrumentos essenciais para um bom desenvolvimento escolar.

4 Considerações

Diante de todas as abordagens realizadas neste artigo, constatou-se que falta ao professor um conhecimento teórico profundo, uma base lingüística sólida que possa fundamentar as práticas cotidianas. Essa ausência teórica, entre outros fatores, permite que o docente mantenha uma atitude purista em relação à língua, e que continue a proferir um discurso voltado para a gramática normativa, tendo como conseqüência um ensino improdutivo que, tomando a norma culta como a “verdadeira” língua (a melhor, a mais correta), continua privilegiando a obediência às regras da gramática normativa.

Em vista das considerações feitas, conclui-se que a contextualização é essencial, pois o aluno tanto trabalha a produção de texto como a gramática, pois esta é importante enquanto elemento que explica o texto. Então, a nova proposta do ensino da Língua Portuguesa está centrada na gramática internalizada do texto e na semântica, pois seria através desta que os alunos iriam entender as regras gramaticais mais rápido e sem decorá-las. Ocorrendo isso, o rendimento escolar será mais eficiente.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1998.

BRITO, Eliana Vianna. **PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** 2. ed.. São Paulo: Contexto, 2004.

SABINO, Fernando. Piscina. In: BRITO, Eliana Vianna. **PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula.** São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural.** São Paulo: Cortez, 2003

_____ **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.